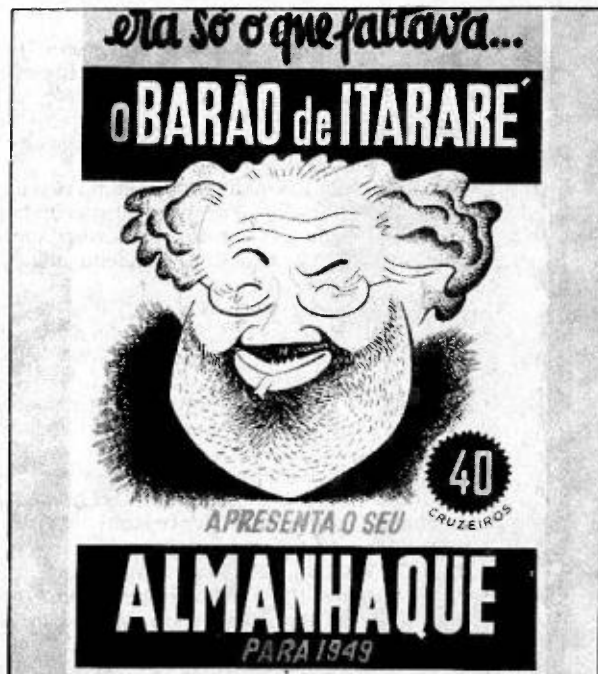


Volta a circular o “Almanhaque para 1949”

Retornam em edição fac-similar as pérolas do Barão de Itararé, para quem o fígado fazia mal à bebida, os juros não dormiam e baja o que houver, estaremos com o vencedor

Linca de Albuquerque

A carta de nobreza que o jornalista gaúcho Aparício Torelly (1895-1971) concedeu a si próprio ao intitular-se Duque de Itararé — depois rebaixada para barão numa atitude de modéstia — será devidamente manchada amanhã, na Livraria Cultura, no lançamento de uma edição fac-similar do irreverente **Almanhaque para 1949** (Cr\$ 20 mil), contendo muitas das pérolas do inventor do besteiro no jornalismo brasileiro. Personalidade corrosiva, popular e nada nobre (no sentido esnobe da palavra), este Barão de Itararé avisa a que veio: os homens inteligentes, sugeria ele no começo do **Almanhaque**, devem comprar pelo menos três exemplares: um para esconder debaixo do travesseiro, outro para presentear a namorada e o último para atirar displicentemente sobre a mesa para os amigos



A editora Studioma relança o nobre besteiro do Barão

roubarem — “os amigos são todos uns ladrões”.

Nobre do humor, é verdade, o ilustre Barão voltou graças ao esforço dos jornalistas e artistas gráficos Bento Borges, Sérgio Papi e Zezinho Mendes André, sócios da editora Studioma. Os editores, que também já lançaram em 1989 o **Almanhaque 1955**, atualmente se dedicam a remexer em mais de 30 caixas de papelão lotadas de pertences de Torelly, algumas delas perdidas no galinheiro de um sítio em Vassouras. A vasculhada foi autorizada pelo filho do jornalista — Ary Torelly, funcionário do Banco do Brasil, no Rio — e deve ainda resultar em futuras publicações. Itararé é hoje lembrado tanto pelos seus trocadilhos infames, como “quem vê cara não vê que horas são”, quanto pelos geniais, como “o erro do governo não é a falta de persistência, mas a persistência na falta”.

“Era o nosso Baré de Itararão”, brinca o jornalista Rogério Mauro, que trabalhou com ele na **Última Hora**, na década dos 50. Antes de dedicar-se ao jornalismo, porém, Torelly teve uma atribulada passagem pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Conta-se que numa prova de anatomia, um examinador teria apanhado um fêmur e perguntado se o então estudante conhecia aquele osso. Cerimonioso, Torelly tratou de apertar o osso: “Muito prazer em conhecê-lo”. Em meados da década dos 20, Barão muda-se para o Rio e começa a

trabalhar em **O Globo**. Logo em seguida, funda o seu próprio semanário, **A Manhã**, que ele mesmo redigia e ilustrava. **A Manhã** glosava o noticiário de imprensa parodiando **A Manhã**, influente jornal da época.

“Baré” resistiu à ditadura Vargas sem abrir mão do deboche. Em 1945, elegeu-se vereador pelo PCB no Distrito Federal, com o slogan “mais água e mais leite, mas menos leite na água”. Embora Torelly não desse a mínima para questões ortográficas — e neste **Almanhaque** avisa logo que uma palavra pode ser encontrada escrita de diversas maneiras — Barão ainda é capaz de arrancar elogios até do filólogo Antônio Houaiss. Vinte anos depois de morto, muitas de suas máximas já entraram para o anedotário popular. Difícil esquecer, por exemplo, a sua correção da frase de Augusto Comte, segundo a qual “os vivos são cada vez mais governados pelos mortos”. Levando em consideração a sua experiência na vida política, Itararé retificou: “Os vivos são cada vez mais governados pelos mais vivos”.

SERVICO

Almanhaque para 1949, do Barão de Itararé. 272 páginas, Cr\$ 20 mil. Lançamento

amanhã, às 19 horas, na Livraria Cultura — Av. Paulista, 2073, Conjunto Nacional.